

PRIMEIROS CONTRIBUTOS PARA UM ESTUDO DA EXPRESSÃO E DA COMPREENSÃO NA CRIANÇA COM BASE EM PROVAS DE LINGUAGEM ORAL E ESCRITA*

O estudo da linguagem numa população infantil coloca quase sempre o investigador face ao problema de situar a criança de um ponto de vista das suas capacidades verbais. Para se poder proceder a essa avaliação torna-se necessário possuir um número considerável de dados recolhidos e analisados de um modo pormenorizado e rigoroso.

O trabalho que passo a apresentar constitui a primeira parte do meu contributo para a existência de uma análise da linguagem oral e escrita em português (a nível da expressão, vocabulário e compreensão), que me parece imprescindível como ponto de referência para quem pretende conhecer ou avaliar a linguagem de um determinado sujeito num dado momento.

Chamo desde já a atenção para o facto de o meu estudo não pretender ser nem original do ponto de vista metodológico, o que seria demasiadamente ousado da minha parte, nem um levantamento nacional de dados, o que seria extremamente ambicioso para um único investigador. Apoiei-me na metodologia e terminologia adoptadas, para o mesmo tipo de trabalho, por A. Girolami-Boulinier e

* Este trabalho em língua portuguesa contou com o apoio de Madame Girolami-Boulinier (Professora de «Orthophonie» na «Faculté de Médecine», Paris), a quem devo não só o facto de me ter facultado o material que serviu de suporte de análise a este estudo mas também toda a disponibilidade manifestada relativamente à discussão dos resultados obtidos em português.

À Dr.^a Maria Adriana Costa Baptista, devo a colaboração prestada na análise do plano *compreensão* num dos grupos etários do 2.º nível.

Uma versão condensada deste trabalho foi apresentada, sob a forma de comunicação, no *III Congresso Internacional Aprendizagem/Desenvolvimento, Linguagem e Educação*, organizado pelo Instituto Piaget e realizado em Março de 1985, em Lisboa.

observei, de acordo com a metodologia seguida, 60 crianças, por grupo etário, de escolas do Concelho do Porto¹. Com este estudo pretendo porém que passem a existir dados em língua portuguesa que se me afiguram necessários. Penso que a observação de 60 crianças, por grupo etário, é já bastante razoável. As médias individuais obtidas a partir desse número e a fineza inerente à análise realizada permitem-nos, possivelmente sem grande margem de erro, localizar o comportamento verbal de um sujeito com problemas de linguagem e conhecer aquilo que se deve esperar de um determinado nível etário e de um dado grau de escolaridade.

Referi que este trabalho constituía a primeira parte do meu contributo para a existência de níveis de referência relativos à linguagem oral e escrita em língua portuguesa porque, à semelhança do que A. Girolami-Boulinier realizou em língua francesa, é também minha intenção estudar a linguagem oral e escrita não só em crianças mas também em adolescentes e adultos. Até este momento só me foi contudo possível recolher e analisar os dados relativos a três grupos de crianças que frequentavam a Escola Primária.

TIPOS DE PROVAS UTILIZADAS

Os dados que servem de objecto de análise neste estudo resultam do emprego de uma prova de curta duração, de aplicação extremamente fácil e a que os sujeitos aderem com espontaneidade.

Para facilitar a comparação do material recolhido nos diferentes grupos etários, tornou-se metodologicamente aconselhável utilizar sempre o mesmo suporte de análise. Contudo, como a população em questão cobre um vasto leque etário, houve necessidade de empregar não um único suporte mas sim dois suportes.

Um dos suportes de análise destina-se às crianças que frequentam a Pré-Primária e os dois primeiros anos da Escola Primária

¹ Cumpre-me expressar o meu reconhecimento ao Director-Geral do Ensino Básico pelas credenciais que me foram facultadas para poder proceder ao levantamento dos dados necessários à realização deste estudo. Expresso igualmente o meu reconhecimento a todos os Directores e Professores das Escolas Primárias do Concelho do Porto a que recorri, pelo bom acolhimento dispensado.

e que constituem os grupos de sujeitos mais novos deste estudo (1.º nível). Consta o referido suporte de uma representação pictórica da história do «Café» de Adamson, reduzida a três actos². Trata-se de uma série de três imagens apresentadas de modo muito esquematizado e em traços muito vagos e imprecisos. O aspecto visual da história é voluntário e com ele pretende-se que a criança dê livre curso à sua imaginação.

O outro suporte de análise é usado nos restantes grupos etários (2.º nível) e é constituído por duas histórias (a história do «Café» e da «Caixa») organizadas em sequências de quatro imagens³.

Dado que se revela pertinente analisar a linguagem oral e escrita no plano da compreensão e da expressão, este estudo tem como objectivo mostrar as características desses dois planos nas execuções verbais dos sujeitos, quando se lhes solicita que contem a história que lhes é apresentada sob forma visual.

POPULAÇÃO OBSERVADA

Até este momento, em língua portuguesa, foram observados e analisados em quase todos os parâmetros os três grupos etários correspondentes aos 2.º, 3.º e 4.º anos da Escola Primária⁴. Cada grupo etário era constituído por 60 crianças, de ambos os sexos, em idades que correspondiam a um rendimento escolar normal.

² A representação pictórica em questão constitui a gravura 5 do «CALE». Cf. GIROLAMI-BOULINIER, A., *Controle des aptitudes à la lecture et à l'écriture*, Neuchâtel, Delachaux et Niestlé, 1974 e GIROLAMI-BOULINIER, A., *Compréhension et expression chez l'enfant et l'adolescent à partir de deux épreuves de langage oral et écrit*, in «Revue de Laryngologie, Otologie, Rhinologie», Bordeaux, Vol. 100, N.º 7-8, 1979, p. 420.

³ Cf. GIROLAMI-BOULINIER, A., op. cit., 1979, p. 421 e nota 3, p. 420. A parte final deste trabalho, dedicada ao Plano da Compreensão (Compreensão Geral e Compreensão-Evocação dos Pormenores), servirá de apoio à percepção do conteúdo das histórias apresentadas sob a forma de sequências pictóricas.

⁴ Por razões de ordem prática, usarei neste estudo as designações 2.º ano, 3.º ano e 4.º ano no sentido das *classes* tradicionais. O termo *classe* ocorre mesmo nos diferentes Quadros. Consequentemente, e atendendo a que observei crianças com rendimento escolar normal, o que designo por 2.º ano corresponde ao 2.º ano da 1.ª fase e os outros dois anos (3.º e 4.º) corresponderão respectivamente ao 1.º ano e ao 2.º ano da 2.ª fase.

Quanto ao nível sócio-económico dos sujeitos em questão, pode dizer-se que as crianças observadas constituem a população infantil que normalmente frequenta as nossas Escolas Primárias. Nenhuma das escolas seleccionadas pertencia a um meio que possamos considerar *marcado*.

Os três grupos observados e analisados em português remetem já para os dois níveis destacados, tendo em conta os dois tipos de suportes usados. Nesses grupos de sujeitos pôde contudo observar-se tanto a linguagem oral como a linguagem escrita.

MODO DE APLICAÇÃO DA PROVA

Nos dois níveis, a solicitação da narração da história é feita no fim do ano escolar. Nessa altura as crianças já têm em média respectivamente 8, 9 e 10 anos de idade. A aplicação da prova é sempre individual.

Relativamente ao 1.º nível (no nosso caso trata-se do 2.º ano da Escola Primária) o desenho que representa a história é mostrado à criança durante o tempo que ela quiser e de que ela necessitar e depois é escondido. Então pede-se à criança que conte a história oralmente. Quando a criança acaba de contar a história oralmente e de memória, volta-se a colocar o desenho diante dela e pede-se-lhe que conte a história por escrito, mantendo desta vez o desenho à sua frente⁵.

No que diz respeito ao 2.º nível, mostram-se uma após outra as sequências pictóricas que constituem as histórias do «Café» e da «Caixa». Num primeiro momento o sujeito conta a história oralmente e num segundo momento, seguindo a mesma ordem de apresentação dos suportes de análise, o sujeito procede à narração escrita das histórias. (Os sujeitos deste estudo que pertencem ao 2.º nível são, como já tivemos ocasião de referir, alunos dos 3.º e 4.º anos da Escola Primária).

As narrações assim obtidas são então analisadas primeiramente no plano da expressão e depois no plano da compreensão.

⁵ A história só começa a ser contada por escrito exactamente neste grupo etário; no fim do 1.º ano da Escola Primária e no fim da Pré-Primária pede-se unicamente à criança que conte a história oralmente.

PLANO DA EXPRESSÃO

Sintaxe

Palavras, estruturas e termos

As histórias produzidas pelos sujeitos comportam um certo número de *palavras*. Se observarmos o Quadro 1, verificamos que tanto na produção oral como na produção escrita se regista um aumento das médias de palavras por indivíduo ao longo dos anos. Por outro lado, constata-se igualmente uma ligeira diferença nas médias obtidas na oral e na escrita. A linguagem escrita manifesta uma média de palavras um pouco inferior, sobretudo no 2º nível.

QUADRO 1 — Médias de palavras por indivíduo

Classes Palavras	Classes		
	2 ^a	3 ^a	4 ^a
LO	22	76	87
LE	20	71	77

LO Linguagem Oral

LE Linguagem Escrita

Tendo em consideração que ainda só foram estudados em língua portuguesa três grupos etários, todos os dados obtidos dirão unicamente respeito a essa população.

As palavras que constituem as histórias organizam-se por seu lado em *estruturas sintáticas*. Por seu turno, a *estrutura* comporta um verbo (núcleo) à volta do qual se agrupam os *termos* (sujeito, objecto, etc). Para A. Girolami-Boulinier ⁶ trata-se basicamente, se

⁶ Cf. GIROLAMI-BOULINIER, A., op. cit, 1979, p. 426.

utilizarmos a terminologia tradicional, da oração independente ou da oração subordinante de que se podem fazer depender subordinadas. Observando o Quadro 2, relativo às médias de estruturas por indivíduo, se excluirmos o 1.º nível em que se constata uma média de três estruturas tanto na linguagem oral como na escrita, verificamos no 2.º nível que o número de estruturas regista um pequeno aumento do 3.º para o 4.º ano e que a escrita apresenta uma muito ligeira descida.

QUADRO 2 — Médias de estruturas por indivíduo

Estruturas \ Classes	Classes		
	2 ^a	3 ^a	4 ^a
LO	3	11	12
LE	3	10	11

Quanto aos *termos*, tal como se pode verificar no Quadro 3, também se constata uma ligeira diminuição na escrita no 2.º nível. Dada a sua especificidade, mesmo numa perspectiva metodológica, o 1.º nível deve ser considerado sempre à parte. A diferença numérica que se observa no 1.º nível nos vários Quadros corrobora exactamente o referido.

QUADRO 3— Médias de termos por indivíduo

Termos \ Classes	Classes		
	2 ^a	3 ^a	4 ^a
LO	10	36	42
LE	10	33	37

PRIMEIROS CONTRIBUTOS PARA UM ESTUDO

Relativamente ao Quadro 3, teremos de atender ao facto de se terem contado *termos* que não se encontravam explícitos na estrutura ⁷.

As *estruturas*, compostas por um dado número de *termos*, são introduzidas ou não por uma ou mais *charneiras* («charnières»), i.e., palavras que marcam a articulação do enunciado e que no 2.º nível são ligeiramente mais utilizadas na oral do que na escrita. O Quadro 4 revela-nos as médias de *charneiras* por indivíduo.

QUADRO 4 — Médias de charneiras por indivíduo

Classes Charneiras			
	2 ^a	3 ^a	4 ^a
LO	2,5	8	9
LE	2,5	7	7

De entre as *charneiras* portuguesas utilizadas pelas crianças observadas podemos referir: *e*, *depois*, *mas*, *então*, *a seguir*, *pega*, *pegou*, etc. Por vezes, ocorrem combinações de *charneiras*: *e então*, *e depois*, *mas depois*, *e pegou*, etc.

Análise sintáctica

A análise da linguagem praticada em língua francesa por A. Girolami-Boulinier inspira-se no método Borel ⁸. Para facilitação da análise foram considerados cinco tipos de estrutura:

S V (O) (C) : «e o homem bebeu o vinho»
«...ele pegou na mesa para se abrigar»
«...o senhor foi a correr para casa»

⁷ Em português é comum a não presença de um sujeito explícito na oração ou na frase. De acordo com a metodologia adoptada neste estudo, o sujeito, embora não explícito, será representado na estrutura sob a forma de (S), («il») ou («cês»). Os parênteses assinalam precisamente o facto de não estarem presentes. Para efeitos da contagem dos termos da estrutura eles são contudo considerados.

⁸ Cf. GIROLAMI-BOULINIER, A., op. cit, 1979, p. 426.

- S V S' (C) : «... (e) ficou zangado»
 «Um senhor estava aqui sentado.»
- «il» impessoal ; «... começou a chover»
 (Cf. francês: «il a commencé à pleuvoir».)
- «ce» («présentatif»): «Era um senhor que estava a fumar um charuto.»
 (Cf. francês: «C'était un monsieur qui...».)
- N (sintagma) : «uma mesa com um copo»
 «uma cadeira sem pessoa»
 «e uma mesa vazia»

Atendendo a que este estudo em português também tem como objectivo proceder a uma comparação dos resultados obtidos em língua francesa por A. Girolami-Boulinier, houve necessidade de seguir estritamente a mesma metodologia e de em certos casos adaptar o português à análise praticada em francês. Assim, foram consideradas também em português estruturas introduzidas por «il» e por «ce», que se contavam como termos e que remetiam para estruturas desses tipos, muito embora fossem escritos entre parênteses visto que não surgem explicitamente nas produções das crianças. Por outro lado, o *objecto indirecto* (I), que também pode ocorrer em diferentes tipos de estrutura, teve de em alguns casos exercer as funções do *objecto* homónimo francês.

Do ponto de vista do desenvolvimento, a organização da linguagem no indivíduo começa pela frase a um termo e depois atinge a frase S V. Com o aparecimento de estilo narrativo, a frase do tipo S V O (sujeito, verbo, objecto directo ou indirecto) acaba por perfazer cerca de 50 % do *corpus*⁹.

O Quadro 5, relativo à repartição das estruturas sintácticas em percentagem por classe, mostra-nos que no 1.º nível a estrutura mais utilizada é a S V seguida de («il») e («ce»). O N aparece em número muito reduzido, só ocorrendo na escrita (N — 5). No 2.º nível a estrutura mais utilizada é sem dúvida S V tanto na oral como na escrita. (Convém realçar que as sequências neste caso são de quatro imagens e que sobretudo a história da «Caixa» incita ao emprego deste tipo de estrutura, pelo elevado número de acções que comporta).

⁹ Cf. GIROLAMI-BOULINIER, A., op. cit., 1979, p. 427.

A estrutura *S V S'* aparece em percentagens muito reduzidas tanto na oral como na escrita. Quanto às estruturas («ils») e («ce»), elas são sobretudo mais representativas no 3.º ano. A estrutura *N* existe em número de 3 na linguagem oral e em número de 1 na linguagem escrita do 3.º ano, tornando-se o seu número de 1 na linguagem oral e de 1 na linguagem escrita no 4.º ano.

QUADRO 5— *Repartição das estruturas sintáticas em % e por classe*

Classes	S V (O) (C)		S V S' (C)		(«il»)		(«ce»)		N	
	LO	LE	LO	LE	LO	LE	LO	LE	LO	LE
	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%
2ª	61	61	5	7,5	20,5	20,5	13,5	8,5	-	2,5
3ª	78	79	4	4	8	9	9,5	8	0,5	-
4ª	81	80,5	5	4,5	8,5	9	5,5	6	-	-

Análise sintagmática

Esta análise diz respeito aos *termos* que se ligam ao verbo-centro de cada *estrutura sintáctica*. De acordo com A. Girolami-Boulinier ¹⁰, os termos que se ligam ao verbo-centro distribuem-se por três grupos:

o grupo-nome (isolado ou enriquecido ¹¹)

o grupo-pronome: substituto do nome (isolado ou enriquecido)

o grupo-verbo: substituto do nome ou centro de uma subordinada.

¹⁰ Cf. GIROLAMI-BOULINIER, A., Op. cit., 1979, p. 429.

¹¹ O termo *enriquecido* é tradução de «enrichi» (cf. GIROLAMI-BOULINIER, A., op. cit., 1979, p. 429). Em minha opinião, a autora mencionada, com o uso dos tempos *enriquecido* e *enriquecimento* (do nome, do pronome, do verbo), visa sobretudo fazer salientar o desenvolvimento que se opera em geral na linguagem e não unicamente a nível formal (cf. a noção de *expansão*). Esta nota será válida para todas as ocorrências neste estudo de *enriquecido* e de *enriquecimento*.

O termo *nome* é utilizado neste trabalho no sentido de *substantivo*.

Se considerarmos a produção seguinte: «...pôs um pedregulho em cima da outra ponta da tábua para ficar segura», podemos destacar:

dois grupos-nome { — uma pedra
— a outra ponta da tábua

um grupo-verbo { — para ficar segura.

Nos três grupos etários estudados em língua portuguesa o grupo-nome apresenta uma percentagem acima dos 60 % tanto na linguagem oral como na linguagem escrita. As percentagens do grupo-pronome são as mais reduzidas, só atingindo os 13 % no 4.º ano. Quanto ao grupo-verbo, este apresenta percentagens entre os 20 % e os 27,5 % nos dois níveis. Não se regista uma diferença a assinalar entre a linguagem oral e a linguagem escrita.

O Quadro 6 mostra-nos as médias individuais obtidas relativamente aos grupos sintagmáticos.

QUADRO 6 — Médias individuais dos grupos sintagmáticos

Classes	Grupo-Nome		Grupo-Pronome		Grupo-Verbo		Total	
	LO	LE	LO	LE	LO	LE	LO	LE
3. ^a	13	12,5	2,5	2	4	4	19,5	18,5
4. ^a	14	12,5	3	2,5	5	5	22	20
2. ^a	3,5	3,5	0,25	0,25	1,5	1,5	5,25	5,25

O grupo-nome e o grupo-pronome

Estes dois grupos podem aparecer, de acordo com A. Girolami-Boulinier, isolados ou então enriquecidos. Por outras palavras, tanto o *nome* como o *pronome* podem aparecer precedidos, em certas cir-

PRIMEIROS CONTRIBUTOS PARA UM ESTUDO

cunståncias, de *determinante(s)* e modificados por meio de um *adjectivo*, de um *complemento nominal* («complément du nom») ou de uma *relativa*.

O Quadro 7 revela-nos as médias de *enriquecimento do nome* no 2.º nível.

QUADRO 7 — Médias de *enriquecimento do nome*

Classes	Nomes		Adj.		C. Nominal		Rel.		TOTAL enr. n.	
	LO	LE	LO	LE	LO	LE	LO	LE	LO	LE
3.º	11,5+	11	-0,5	-0,5	-1	-1	+1	1	-2,5	-2,5
4.º	+11	11	0,5	0,5	+0,5	0,5	1	1	2	2

Grupo-verbo

Relativamente ao grupo-verbo, este pode ser subdividido, como refere A. Girolami-Boulinier ¹², em:

- verbo *substituto do nome*
- verbo *centro de uma subordinada*.

O verbo *substituto do nome* pode ser um infinitivo e apresenta então todas as fun es do nome ou pode ser um gerúndio, que toma o papel de um complemento circunstancial:

«O homem não consegue *pregar*.» (infinito isolado) «O homem não consegue *pregar a tábua*.» (infinito enriquecido) «O homem foi para casa *abrigando-se com a mesa*.» (gerúndio enriquecido).

¹² Cf. GIROLAMI-BOULINIER, A., op. cit., 1979, pp. 430 e 431.

O verbo *centro de uma subordinada* pode ser centro de uma infinitiva, de uma participial, de uma substantiva conjuncional ou de uma interrogativa:

«Ele vê *cair chuva*.» (infinita)
 «*Bebido o copo*, o homem foi para casa.» (participial)
 «Ele viu *que a chuva não parava*.» (substantiva conjuncional)
 «Interrogou-se se *a chuva continuaria a cair*.» (interrogativa).
 O Quadro 8 mostra-nos as médias individuais das subdivisões do grupo-verbo.

QUADRO 8 — Médias individuais das subdivisões do grupo-verbo

Classes	LO		LE	
	vb-nome	vb-sub.	vb-nome	vb-sub.
3. ^a	-3	1	__3	1
4. ^a	4	-1,5	3,5	-1,5

No Quadro 7 pudemos observar que o *nome* ainda aparece relativamente pouco «enriquecido» nos dois grupos observados. Por seu lado, o Quadro 8 revela-nos médias inferiores no verbo *centro de subordinada*, o que nos remete para a existência nesses grupos de crianças de frases ainda não muito complexas. Os resultados são relativamente similares na oral e na escrita. Sobretudo no grupo-verbo constata-se uma certa diferença entre os dois grupos etários, verificando-se uma tendência de uso progressivo das duas subdivisões do grupo-verbo no 4.º ano.

Vocabulário

A. Girolami-Boulinier reparte as palavras contidas nas histórias produzidas em três categorias: *palavras de Henmon*, *palavras gramaticais* e *palavras lexicais*.

A primeira categoria referida diz respeito ao conjunto de palavras seleccionadas por Henmon, em 1924, e que constituiriam cerca de 50% de qualquer *corpus* da linguagem escrita francesa, a nível da produção adulta¹³. Para além deste conjunto de palavras frequentes e na sua maioria gramaticais, e que não são consideradas no estudo era francês em virtude do seu elevado grau de frequência, consideram-se outras *palavras gramaticais* que, quer porque servem de *chameiras* quer porque servem para precisar, por exemplo, localizações espaço-temporais, já são tomadas em consideração na análise proposta por A. Girolami-Boulinier. Por fim, temos as *palavras lexicais* (nomes, adjectivos, advérbios) cujo número e variedade dependem essencialmente do tema a tratar e das diferentes produções individuais.

Para a língua portuguesa seria sem dúvida importante que existisse uma lista semelhante à proposta para o francês por Henmon. Como neste momento esse estudo, tanto quanto eu sei, ainda não se encontra realizado, tomei a liberdade de não considerar no levantamento de vocabulário efectuado para este trabalho as palavras portuguesas correspondentes às francesas salientadas pelo autor atrás referido e que se me afiguram também de um elevado índice de frequência em português.

A nível do vocabulário, um outro tipo de estudo que poderia ser feito, com base nas narrativas orais e escritas efectuadas por cada sujeito, era o levantamento do número de palavras lexicais diferentes que ocorrem nessas produções. Seria então interessante estabelecer uma relação entre esse número e o número de vezes que essas palavras são usadas pelo mesmo sujeito. Da relação estabelecida resultaria o índice de redundância da produção em causa.

¹³ De acordo com GIROLAMI-BOULINIER, A., op. cit., 1979, p. 432, Henmon terá seleccionado 69 palavras. Por seu lado, a autora referida propôs na sua obra *Acquisition du vocabulaire*, Neuchâtel, Del. et Niestlé, 1973, p. 24, a seguinte classificação dessas palavras;

«12 verbes (aller, avoir, dire, donner, être, faire, pouvoir, prendre, savoir, venir, voir, vouloir); 4 substantifs (enfant, femme, homme, jour); 4 qualifiants (bon, grand, petit, deux) et 3 indéfinis (autre(s), tout/tous, toute(s)); 1 adverbe (bien). Les pronoms: je, me, m', moi, nous; tu, te, t', toi, vous; il(s), elle(s), ou, se, s', soi, eux; le, la, l', les, lui, leur, en, y; qui, que, où, ce; les adverbes ou conjonctions: si, plus, ne... pas, et, que, mais, ou; les déterminants: mon, ma, mes, notre, nos; ton, ta, tes, votre, vos; sou, sa, ses, leur(s); le, la, l', les; un, une, des (du, au, aux); ce, cet, cette, ces; les prépositions: à (au, aux), de, d' (du, des), avec, comme, dans, en, par, pour, sans, sur».

Relativamente ao levantamento de todas as *palavras lexicais* usadas nas narrações, foi estabelecida uma lista para cada nível e essas palavras foram classificadas por ordem decrescente de acordo com o número de sujeitos que as utilizavam, pelo menos uma vez, nas suas produções. Constatou-se que determinadas *palavras lexicais* ocorriam mais frequentemente do que outras. Assim as palavras usadas pelo menos uma vez por um mínimo de 50 % dos sujeitos passaram a ser consideradas por A. Girolami-Boulinier as *palavras-tema* em relação às histórias em causa.

Para o 1.º nível não foi fácil estabelecer a lista de *palavras-tema*; contudo nas histórias narradas em francês foram salientadas sete palavras: «bonhomme» e «monsieur» (consideradas no mesmo grupo por representarem conceitos aproximados), «chaise», «table», «verre», «boire» e «pleuvoir»¹⁴.

Em português e para o mesmo nível cingi-me a traduzir directamente essas palavras e a proceder à respectiva contagem.

O Quadro 9 revela-nos desta forma as percentagens relativas aos sujeitos que utilizaram, pelo menos uma vez, as palavras-tema: *senhor/homem, cadeira, mesa, copo, beber e chover*.

QUADRO 9 — Percentagens relativas aos sujeitos do 1.º nível que utilizaram, pelo menos uma vez, as palavras-tema

Classe	Senhor/ / Homem		Cadeira		Mesa		Copo		Beber		Chover	
	LO	LE	LO	LE	LO	LE	LO	LE	LO	LE	LO	LE
	%		%		%		%		%		%	
2. ^a	50	50	27	20	18	18	28	25	50	47	65	57
	Menino/ a											
	47	47										

Embora os resultados em portugueses sejam diferentes dos obtidos em francês, podemos também observar por um lado o pouco relevo

¹⁴ Cf. GIROLAMI-BOULINIER, A., op. cit., 1979, p. 435.

PRIMEIROS CONTRIBUTOS PARA UM ESTUDO

QUADRO 10 — Percentagens relativas aos sujeitos do 2.º nível que utilizaram, pelo menos uma vez, as palavras-tema

Palavras-tema	3.ª classe		4.ª classe	
	LO %	LE	LO %	LE
mesa	92	95	97	93
pedra	90	92	93	93
cabeça	83	80	87	83
copo	67	53	53	47
lado	63	58	73	70
senhor	55	62	82	73
guarda-chuva	55	50	52	48
<u>caixa</u>	47	44	47	38
chover	82	83	87	87
começar	78	82	82	82
martelar	70	70	82	73
pôr	68	78	75	78
<u>sair</u>	53	43	37	30
beber	52	45	52	50
<u>pregar</u>	37	37	55	50

dados pelas crianças do 2.º ano da Escola Primária ao quadro onde se desenrola a acção (cf. os valores relativos a *cadeira*, *mesa* e *copo*) e por outro lado o grau de representatividade dos verbos (cf.

beber e chover), o que revela o surgir da narração em detrimento da descrição.

Para o 2º nível teremos de considerar outro conjunto de *palavras-tema* usadas tanto na linguagem oral como na linguagem escrita. O Quadro 10 (ver p. 265), relativo às palavras-tema ocorrentes nos sujeitos do 2º nível, já foi elaborado com base nas palavras portuguesas que surgiam pelo menos uma vez num mínimo de 50 % de sujeitos de cada classe escolar. As palavras sublinhadas são aquelas que me oferecem dúvidas relativamente à ocorrência que passarão a ter nos outros grupos etários. Será que com a idade essas palavras tenderão a diminuir a sua percentagem em virtude de os sujeitos passarem a usar um vocabulário mais específico ou assistiremos a uma acentuação do seu uso?

O Quadro 10 apresenta de um modo conjunto as *palavras-tema* ocorrentes nas duas histórias. As *palavras-tema* essencialmente relativas à história do «Café» são: *mesa, copo, senhor, guarda-chuva, chover, começar, beber* e as essencialmente relativas à história da «Caixa» são: *pedra, cabeça, lado, senhor, caixa, martelar, pôr, sair e pregar*.

PLANO DA COMPREENSÃO

Primeiro Nível

Compreensão Geral

Para cada um dos níveis foram estudadas a *Compreensão Geral*, i.e. a compreensão global da história sem se entrar na análise dos pormenores, e a *Compreensão-Evocação dos Pormenores* que inter-vêm na construção da história.

Em relação ao 1.º nível e no que diz respeito à *Compreensão Geral* consideram-se dois factores ":

- a *cronologia*, i.e., o facto de a criança nos referir os três episódios na ordem segundo a qual se desenrolam:
- um homem está sentado a uma mesa onde se encontra um copo quase cheio

¹⁵ Cf. GIROLAMI-BOULINIER, A., op. cit., 1979, p. 438.

PRIMEIROS CONTRIBUTOS PARA UM ESTUDO

- a chuva começa a cair e o copo está menos cheio
- a chuva cai com mais força, a cadeira fica vazia e o copo já não está em cima da mesa

— o *raciocínio*, i.e., o facto de que

existia uma primeira situação = o homem estava no café
interveio um acontecimento = a chuva começou a cair
e resultou uma nova situação = o homem foi-se embora.

Para o factor cronologia, A. Girolami-Boulinier destaca duas espécies de cronologia:

- 1) uma cronologia descritiva, ou estática, uma espécie de cronologia do espaço, como refere a autora mencionada, em que a criança enumera e descreve as três imagens independentemente umas das outras e onde o estádio da narração não foi ainda atingido.

Exemplos do português (2.º ano) são:

- «Uma mulher estava sentada numa cadeira e uma mesa com um copo.
Uma mulher estava sentada numa cadeira e uma mesa com um copo e estava a chover.
Uma cadeira sem pessoa e uma mesa sem copo e estava a chover.»
- «Uma senhora está a descansar; uma senhora está a beber; um banco está sozinho.»

- 2) Uma cronologia da acção, cronologia dinâmica, onde se encontra já visível o estádio narrativo, o estádio da interpretação, como adianta A. Girolami-Boulinier.

Exemplos do português (2.º ano):

- «Era uma vez um menino que estava a beber sumo.
Depois começou a chover e o menino teve que ir para casa.»
- «Era uma vez um menino e depois ele foi para o terraço tomar o café e depois começou a chover e o menino foi para a sala e tomou lá o café.»

Por vezes, surge também uma *cronologia invertida*. Exemplo desse tipo de cronologia pode observar-se na seguinte produção de uma criança portuguesa do 2.º ano: «O menino não estava lá e depois sentou-se e ia pegar no copo». (Já há narração mas o sentido surge invertido).

Relativamente ao factor *raciocínio*, está em questão a compreensão por parte da criança da relação causa-efeito, i.e., o facto de a chuva ter motivado a partida da personagem.

O Quadro 11 dá-nos a compreensão geral (em média) da história do «Café», em versão simplificada, no 1.º nível¹⁶.

QUADRO 11 — *Compreensão Geral (em média) da história do «Café» (1.º nível)*

Classe	LO	LE
2.ª	% 75	% 74

Vejamos em pormenor as percentagens relativas aos sujeitos que apresentam diferentes tipos de respostas em relação aos factores atrás destacados.

Linguagem oral:

Cronologia

77 % (46/60) possuem cronologia da acção.

1,5 % (1/60) apresentou a cronologia invertida.

3 % (2/60) apresentaram omissão de uma etapa.

18,5 % (11/60) possuem cronologia do espaço.

¹⁶ Os valores apresentados no Quadro 11 resultam de uma contagem que assenta na extracção, no caso de existirem erros, por um lado, de 25, 50, 75 ou 100 % no que diz respeito à *cronologia* e por outro lado de 100 % relativamente ao *raciocínio*. Reúnem-se seguidamente os dois resultados e dividem-se por dois.

PRIMEIROS CONTRIBUTOS PÁRA UM ESTUDO

Raciocínio

63 % (38/60) compreenderam a causa da partida.
37 % (22/60) não compreenderam.

Linguagem escrita:

Cronologia

75 % (45/60) possuem cronologia da acção.
1,5 % (1/60) apresentou a cronologia invertida.
3 % (2/60) apresentaram omissão de uma etapa.
1,5 % (1/60) apresentou a omissão da cronologia da
acção só na escrita; estava presente na
oral.
18,5 % (11/60) possuem cronologia do espaço.

Raciocínio

60 % (36/60) compreenderam a causa da partida na
oral e na escrita (2/60 só compreен-
deram na oral).
40 % (24/60) não compreenderam na escrita a causa
da partida.

As percentagens referidas ajudam-nos a constatar o tipo de pensamento que a criança pode manifestar. As crianças que ainda apresentam *cronologia do espaço* possuirão provavelmente um pensamento ainda estático¹⁷.

Compreensão-Evocação dos Pormenores

Este tipo de compreensão revela-se de avaliação difícil visto que a criança pode compreender um pormenor e não o expressar. À semelhança do que A. Girolami-Boulinier¹⁸ praticou em francês,

¹⁷ Cf. GINSBURG, H. & OPPER, S., *Piaget's theory of intellectual development*, 2.^a ed., Englewood Cliffs, N.J. Prentice-Hall, Inc., 1979, p. 154.

¹⁸ Cf. GIROLAMI-BOULINIER, A., op. cit, 1979, p. 440.

foram considerados também em português 5 *centros de interesse* susceptíveis de compreensão e de evocação por parte da criança:

1. a descrição-situação da personagem
2. o quadro em que evolui
3. a acção que efectua
4. o acontecimento que intervém
5. a consequência daí resultante.

Cada centro de interesse evocado recebe 20 %, o que perfaz um total de 100 % para o conjunto mencionado.

O Quadro 12 dá-nos a média geral da compreensão-evocação dos pormenores tanto na linguagem oral como na linguagem escrita.

QUADRO 12 — *Compreensão-Evocação dos Pormenores (em média) da história do «Café» (1.º nível)*

Classe	LO	LE
	%	%
2. ^a	72	69

O Quadro 13 dá-nos conta dos sujeitos que compreenderam e evocaram os diferentes centros de interesse na linguagem oral e na linguagem escrita.

QUADRO 13 — *Percentagens relativas aos sujeitos que compreenderam e evocaram os diferentes centros de interesse da história do «Café» (1.º nível)*

LO / LE	Pers.	Quadro	Acção	Acont.	Conseq.
2.º	97	32	90	77	70

PRIMEIROS CONTRIBUTOS PARA UM ESTUDO

Este Quadro mostra-nos com uma certa nitidez a percentagem menos elevada que apresenta o pormenor *quadro*.

Segundo Nível

Compreensão Geral

Neste nível A. Girolami-Boulinier considerou duas ideias principais em cada história. Essas ideias deveriam ser expressas tanto na linguagem oral como na escrita ¹⁹.

Café: 1. porque a chuva continua a cair,
2. o homem, para se proteger, pega na mesa como guarda-chuva.

Caixa: 1. porque a caixa está muito cheia,
2. o homem apanha na cabeça com a pedra que tinha posto como contrapeso.

Por cada ideia não expressa é retirada a percentagem de 25 %, o que perfaz um total de 100 % para a linguagem oral e de 100 % para a linguagem escrita.

O Quadro 14 revela-nos as médias obtidas pelas crianças do 2.º nível na compreensão geral das duas histórias.

QUADRO 14 — *Compreensão Geral (em média) nas duas histórias*

Classe	LO	LE
	%	%
3. ^a	68	67
3. ^a	70	70

¹⁹ Cf. GIROLAMI-BOULINIER, A., op. cit, 1979, p. 442.

Compreensão-Evocação dos Pormenores

Para facilitar a análise, A. Girolami-Boulinier considerou nas duas histórias *19 centros de interesse*²⁰ susceptíveis de compreensão e de evocação por parte dos sujeitos.

Café: *10 centros de interesse:*

1. situação e descrição da personagem
2. quadro
3. actividade
4. a chuva começa a cair
5. reacção da personagem
6. a chuva continua e/ou aumenta
7. reacção da personagem
8. o líquido diminui no copo
9. o homem pega na mesa
10. vai-se embora.

Caixa: *9 centros de interesse:*

- I. um homem, prega (martela) pregos nas tábuas de uma tampa
- II. para fechar uma caixa
- III. a caixa está muito cheia
- IV. quando martela num lado
- V. o outro levanta-se
- VI. põe uma pedra
- VII. que serve de contrapeso
- VIII. martela
- IX. a pedra salta-lhe à cabeça.

Por cada *centro de interesse* não expresso retiram-se 5 % (e 10 % quando não está expresso que a caixa está muito cheia), o que perfaz um total de 100 % em cada um dos tipos de linguagem.

O Quadro 15 mostra-nos a média geral da compreensão-evocação dos pormenores das duas histórias tomadas globalmente tanto

²⁰ Cf. GIROLAMI-BOULINIER, A., op. cit., 1979, pp. 444 e 445.

PRIMEIROS CONTRIBUTOS PARA UM ESTUDO

na linguagem oral como na linguagem escrita dos dois grupos etários que constituem para já o nosso 2.º nível.

QUADRO 15 — *Compreensão-Evocação dos Pormenores (em média) nas duas histórias*

Classes	LO	LE
	%	%
3. ^a	56	54
4. ^a	62	60

Os Quadros 16 e 17 mostram-nos a percentagem de sujeitos que compreenderam e evocaram os diferentes *centros de interesse* em cada uma das histórias. A linguagem oral e a linguagem escrita são consideradas neste momento globalmente.

QUADRO 16 — *Percentagens relativas aos sujeitos que compreenderam e evocaram os diferentes centros de interesse da história do «Café»*

Classes	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%
3. ^a	100	55	90	97	17	27	30	33	95	55
4. ^a	98	72	85	92	27	35	47	55	95	38

Salvo no 10.^a centro de interesse relativo ao «Café» em que a diferença entre percentagens pode ser um pouco mais valorizada, verifica-se de um modo geral nas duas histórias uma melhoria da evocação dos pormenores no 4.º ano relativamente ao 3.º ano.

QUADRO 17— *Percentagens relativas aos sujeitos que compreenderam e evocaram os diferentes centros de interesse da história da «Caixa»*

Classes	I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX
	%	%	%	%	%	%	%	%	%
3. ^a	82	17	0	82	90	93	45	88	97
4. ^a	87	45	2	93	90	97	60	97	100

Tem interesse chamar a atenção para as percentagens obtidas no centro de interesse III (Caixa). As crianças portuguesas destes grupos etários revelam-se como que insensíveis ao facto de a caixa estar cheia e de ser isso que motiva o insucesso da personagem.

CONCLUSÃO

Este trabalho, ao penetrar com minúcia, em virtude da metodologia adoptada, nos planos da expressão e da compreensão verbais tendo como ponto de partida provas de linguagem oral e escrita, permite-nos considerar o modo como um determinado sujeito articula os elementos de que necessita para construir o seu *texto* e o que esse texto traduz a nível de vocabulário e do seu poder de transmissão de um conteúdo.

O facto de o suporte de análise ter sido visual não constitui, em meu entender, problema de ordem metodológica. Um outro estudo ²¹ realizado com base neste mesmo material levou-me a considerar muito positiva a elaboração de um texto a partir de uma história apresentada à criança sob a forma de uma sequência pictórica.

²¹ Cf. PINTO, Maria da Graça, *The psycholinguistic implications of the verbal performances of children telling visually depicted stories*. Comunicação apresentada ao «Primeiro Congresso Internacional de Psicolinguística Aplicada», Barcelona, Junho de 1985.

PRIMEIROS CONTRIBUTOS PARA UM ESTUDO

Relativamente à apresentação conferida aos dados inerentes a este estudo, interessou sobretudo nesta etapa do trabalho funcionar com percentagens e médias. É provável que ulteriormente se torne necessário proceder a análises estatísticas que contribuam para um melhor esclarecimento no que diz respeito a dúvidas que possam surgir.

Os resultados obtidos neste estudo já nos mostram contudo certas tendências tanto a nível sintáctico e sintagmático como a nível da especificação do vocabulário e da capacidade de captar o essencial das histórias em questão, na generalidade ou em pormenor. Quanto à comparação entre a linguagem oral e a linguagem escrita, os dados parecem revelar atitudes muito semelhantes nas duas modalidades. As diferenças constatadas não revestem, de um modo geral, valores muito significativos.

Uma análise deste teor parece-nos por isso de interesse, não só como referência a partir da qual se torna possível trabalhar um determinado comportamento, mas também como meio de poder localizar qualitativamente certas perturbações de linguagem.

Maria da Graça Lisboa Castro Pinto